resenhas

Clínica das neuroses

DANIELA SCHEINKMAN-CHATELARD

Resenha do livro: *Clinique des névroses*, de Solange Faladé Paris: Editora Anthropos, 2003, 349p.

Solange Faladé, renomada psicanalista, ocupou um lugar fundamental e privilegiado na história do movimento psicanalítico francês e, em especial, junto ao pensamento de Jacques Lacan. Discreta, mas com uma força e com um rigor que lhe eram próprios, Solange Faladé foi fiel à transmissão da *letra, à escrita de uma psicanálise.*

Stylus enviou uma série de questões a Solange Faladé, que aceitou e acolheu a proposta para falar de sua experiência e de sua trajetória pessoal no movimento psicanalítico. Porém Faladé não teve tempo de nos responder, falecendo pouco depois, em julho de 2004. Originária da África, do povo dos Iorubas do Daomé (Benin), Faladé foi aluna da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), analisanda de Lacan, tornando-se mais tarde sua amiga e confidente. Entre outras atividades, trabalhou para a Organização Mundial de Saúde (OMS), depois de passar pelo serviço de Jenny Aubry[1]. Além de analisanda, Faladé fora aluna de Lacan desde 1952; prosseguiu e acompanhou todo ensino e desenvolvimento teórico lacaniano até a dissolução da Escola Freudiana de Paris (EFP), em 1980. Participou dos momentos mais importantes da história da psicanálise: a expulsão de Lacan pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA), em 1963-1964; a fundação da EFP; participou desde o início do procedimento do passe em 1967-1969 e, enfim, da dissolução da EFP. Enquanto "aluna de Lacan, Faladé era freudiana".[2]

[1] Roudinesco. *História da Psicanálise na França* (1988, p. 371)

[2] Bernard Mary. *Clinique des Névroses* (2003), prefácio, p. X.

Seu livro, publicado há um ano, *Clínica das neuroses,* traz a marca de seus seminários, uma vez que se trata da transcrição de um deles durante o período entre 1991 e 1993. Faladé inaugura seu seminário referindo-se ao sujeito da psicanálise. A justificativa para falar de uma "clínica das neuroses" não é tanto para estudar as estruturas, mas, sobretudo, para estudar a clínica do sujeito; e, em conseqüência, somente podemos nos referir à situação analítica a partir do momento em que "a relação analítica se estabelece, ou seja, apenas quando a trans-

ferência já se apresenta". Para falar da clínica do sujeito, nada mais natural que começar pela divisão do sujeito na operação do recalque originário – *Urverdrängt*. O sujeito dividido, o sujeito do inconsciente, que carrega consigo um saber não sabido, "é dele que devemos partir" para falar da clínica. É em torno do primeiro significante que cai no golpe do recalque originário, é em torno desse significante originário e recalcado definitivamente que "vai se ordenar o quadro do saber, que vão se ordenar todos os significantes que se desenrolam no curso da sessão analítica". Passando por questões psicanalíticas cruciais – tais como castração, gozo, desejo e fantasia primordial – e pelos diferentes tipos clínicos na Neurose, Faladé particulariza essa clínica, sobretudo, num estilo de analista em posição de ensino e transmissão.

Em *A transmissão da psicanálise*, retoma Faladé, Lacan sublinha: "no que concerne esta transmissão, é preciso que cada analista se esforce de reinventar a psicanálise". Para Faladé, quando especifica a escolha do título *Clínica das neuroses*, e não *Clínica psicanalítica das neuroses*, é porque "nós não teríamos conhecido nada sobre as neuroses se não tivesse existido a psicanálise (...). A clínica das neuroses somente pôde se escrever porque houve uma investigação psicanalítica". Freud antecede com sua observação, a fundação de uma clínica das neuroses, de sujeitos que carregam em seu âmago e em sua constituição um *saber não-sabido*.

Nesse sentido, Faladé lembra o lugar do *infans* que está na origem do gráfico do desejo e permite colocar em funcionamento o lugar do sujeito. A partir do momento em que o *infans* se torna um sujeito falante, torna-se ser-da-fala, *falaser* como conseqüência do ser-da-falta, desde sua entrada no universo simbólico em que ele aceita o significante que vem do Outro e se endereça ao Outro pela palavra – um grito se torna palavra, um apelo se torna demanda.

Clínica das neuroses traz o relato, o testemunho da experiência de uma clínica marcada de um estilo próprio caracterizado pela teoria freudiana. Assim a autora retoma alguns dos casos clássicos da clínica freudiana – Dora, Lucy, Elisabeth Von R. inaugurando a *talking cure* – para abordar a clínica da histeria. Retorna ao *Homem dos Ratos* para trabalhar questões específicas à neurose obsessiva interrogando o lugar do desejo e do gozo em relação à figura do Outro. Esse Outro que existe sob a forma de diversas figuras dependendo da estrutura e da posição do sujeito. Posição esta que vem como resultado de um primeiro encontro com a castração do Outro barrado. Nesse

sentido, o sujeito deve passar pela questão de sua existência: *o que sou?* "Sou no lugar de onde se vocifera que o universo é uma falha na pureza do Não-ser (...)". Esse gozo cuja "falta tornaria vão o universo"[3]. É esse gozo mesmo cuja falha torna o Outro inconsistente, esse gozo atribuído ao Outro ainda que gozo do próprio sujeito. Dessa forma, o livro nos convida a refletir essas diversas posições e implicações do sujeito em seus laços sociais primordiais e em suas conseqüências daí decorrentes: sintomas, inibições, fobias, nas diversas especificidades das neuroses. Sem deixar de considerar em sua fina e articulada elaboração, o lugar da *Wiederholungszwang*, da compulsão à repetição no processo de uma análise, de como ela vai ser colocada em funcionamento na situação analítica de uma cura.

[3] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1998, p. 834)

Neurose Obsessiva e Histeria, eis a divisão do livro nas suas duas partes. No fim do volume, encontramos duas conferências proferidas pela autora junto aos estudantes de psicologia da Universidade de Paris VII, em 1986, consagradas às "Referências estruturais de neuroses, psicoses e perversões". As estruturas clínicas são, no decorrer do livro, comentadas em suas diferenças tanto doutrinais quanto fenomenológicas e clínicas. A posição ética e o lugar do analista na transferência serão amplamente comentados nessas últimas questões. Essa obra é um escrito, uma transcrição do seminário de Faladé e marca um estilo oral de transmissão: leitor e ouvinte aí se confundirão. O estilo falado é um testemunho do que pode ser a transmissão da psicanálise: estilo este "que avança ao ritmo daqueles que a escutam". O caráter oral foi mantido, respeitando a discrição e o estilo de Faladé. Nada melhor que ela própria para o definir: "aquele que quer ensinar um discurso que concerniria à transmissão da psicanálise tem uma certa responsabilidade. Isto não acontece da mesma forma com os outros discursos. É preciso repetir, martelar, e é bem isso que Lacan fazia ano após ano, eu diria mesmo, sessão após sessão, por nós. Acontece o mesmo na cura, na qual o retorno, a repetição permite que as coisas sejam ditas de maneiras diferentes".

Foi com imensa honra, alegria e emoção que pude dar "uma amostra" desse discreto testemunho e, ao mesmo tempo, de um precioso legado oriundo de uma experiência psicanalítica. Solange Faladé, tive o privilégio de conhecê-la e de presenciar certos seminários seus; mas o privilégio maior foi, sobretudo, ter conhecido-a por intermédio do testemunho de um de seus psicanalisantes. Graças a ela e ao seu *saber não-sabido* que o encontro com este psicanalisante pôde acontecer. Dedico esta resenha a alguns de seus psicanalisantes que me revela-

ram um aspecto singular de seu estilo, assim como de seu rigor tanto teórico como ético de analista e, em particular, dedico *àquele* psicanalisante.

referências bibliográficas

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988. Vol. 2.